

O BRASIL EM CHAMAS

Mário Andreuzza*

A Copa das Confederações, embora com gastos acima dos previstos, proporcionou a inauguração de estádios maravilhosos e festas populares, renovando a tese de que pão e circo para o povo seriam suficientes para acalmá-lo. No ideário do governo Dilma – que passa por um dos seus piores momentos – junho de 2013 seria um período de reforço na campanha eleitoral e imposição de mais alguns sapos na goela dos brasileiros.

O futebol e os folguedos juninos seriam o bálsamo para uma população supostamente alienada e confortada com as políticas públicas de distribuição de renda, com o sistema de cotas e com o estímulo desenfreado ao consumo. O que não se esperava era que a classe média brasileira, adormecida desde a derrubada do governo Collor e não contemplada com as benesses do executivo e com as vantagens do legislativo, se manifestasse de forma tão intensa.

O movimento iniciado em Porto Alegre, no primeiro momento contra o corte de árvores na avenida Beira Rio há aproximadamente três semanas, reacendeu com o aumento das passagens de ônibus, transbordou para todo o Brasil e para algumas cidades no exterior. O que representa ocupar o Congresso Nacional e as diversas Assembleias Legislativas? A primeira análise é que a Sociedade reivindica maior sintonia entre os poderes e seus anseios e, por estar cansada de ser ignorada, mostra indignação e insatisfação capazes de mudar o panorama político do País.

Na verdade, as manifestações são contra a incompetência, a desonestidade, a corrupção, a enganação, a mentira. São contra as obras inacabadas, superfaturadas, mal feitas, não fiscalizadas e por conta da insegurança dos cidadãos brasileiros, das péssimas condições da saúde pública, a ineficiência do sistema educacional.

A classe média cansou e também se manifestou contra a baixa qualidade das nossas estradas, portos e aeroportos e pela carência de saneamento básico, pelos apagões de energia elétrica, contra o caos das grandes cidades. Muita gente queria protestar contra a utilização política de empresas estatais e de economia mista, com

recursos financeiros mal aplicados ou utilizados de maneira inescrupulosa, ocasionando graves prejuízos, como os verificados recentemente na Petrobras.

Não escapa da frustração da classe média a impunidade, redução da maioridade penal e o anseio pela reforma do Código Penal, por leis mais duras e efetivas contra criminosos que saem impunes por meio de habeas-corpus risíveis.

Essa gente ordeira que produz e trabalha para poder dar escola e saúde para seus filhos, não suporta mais o estímulo à luta de classes, à invasão de propriedades particulares e à desagregação da sociedade. Os manifestantes criticam, e querem mudar, os programas eleitoreiros, disfarçados em projetos sociais, sem nenhuma contrapartida, que objetivam apenas a conquista de votos para a manutenção do poder.

O que essa classe média não quer, e mandou um recado para o governo, é o retorno da inflação, o aumento brutal da dívida interna, a quebra do equilíbrio fiscal, o aniquilamento de nossa indústria, os malefícios à agropecuária e a perda da competitividade internacional.

Em São Paulo havia protestos contra o aumento de 100% de vale alimentação retroativos do Poder Judiciário; a paralisação do estatuto do nascituro (definição do que é feto); contra a PEC 37, que reduz a competência do Ministério Público; pela atualização das tabelas do SUS; e em especial, contra os gastos com a Copa, que apresenta um enfoque adicional: alguns dos estádios construídos virarão elefantes brancos.

A passeata foi contra a subordinação da política externa brasileira aos ditames do Foro de São Paulo, com o país caudatário das decisões de governos populistas e ditatoriais da América Latina. Foi contra as tentativas de macular as Forças Armadas; foi contra a Comissão da (In)Verdade; contra a tentativa sorradeira de silenciar a imprensa; e contra a intenção manifesta de implantar, paulatinamente, o comunismo no Brasil, travestido agora com o nome de socialismo bolivariano.

Essa marcha ordeira foi contra o alto custo da máquina governamental, com os seus trinta e nove ministérios, criados, em sua maioria, apenas para abrigar políticos obscuros e os interesses dos partidos da base aliada. Embora não estivesse escrito nas faixas, a manifestação foi contra o aparelhamento do Estado, inclusive o da mais alta corte do Poder Judiciário, por pessoas ligadas ao partido político da "presidenta".

A marcha "desordeira", ou seja os baderneiros, certamente têm objetivos relacionados a grupos políticos que querem desviar a atenção da população e da imprensa dos reais problemas do País.

O interessante no movimento é que não há lideranças identificadas e tudo foi planejado e difundido pelas redes sociais. No entanto, há uma registro fazer - a ausência de bandeiras dos partidos e dos sindicatos.

Por quê será? O povo cansou?

*Presidente do Instituto SAGRES